
HOWARD, Dick. *The Specter of Democracy*. New York: Columbia University Press, 2002, 368 p.

O que foi que Marx e os marxistas não entenderam e por quê

Nythamar de Oliveira

Desde a publicação, em 1993, do polêmico livro de Jacques Derrida, *Spectres de Marx*,¹ tanto os arautos da modernidade quanto os profetas pós-modernos têm retomado a *via crucis* do marxismo para a sua definitiva condenação ou para mais uma anunciada ressurreição num mundo de incertezas e indefinições. Para além de todas as discussões panfletárias sobre o futuro do socialismo e das utopias de esquerda, o fantasma da ópera do capitalismo global tem feito aparições nos cenários mais inusitados do mundo acadêmico. Assim, num recente colóquio no Collège International de Philosophie, em Paris, Derrida discutiu a herança marxista à luz dos desafios vigentes da globalização, através de seu mais recente texto sobre Marx.² É neste contexto de reavaliação da herança marxista que Dick Howard, professor titular de filosofia política na State University of New York, em Stony Brook, Long Island, nos oferece talvez o mais original trabalho já publicado neste novo século como uma verdadeira alternativa a leituras tradicionais e destrutivas do marxismo. Aqui mesmo no Brasil, onde temos assistido a diferentes retomadas de uma certa herança marxista, seja para enunciar solenemente o que está vivo seja para tocar o sino de sua morte, tem havido uma polarização

Doutor. Professor da PUCRS, Departamento de Filosofia.

¹ *Spectres de Marx: L'état de la dette, le travail du deuil et la nouvelle Internationale*. Paris: Galilée, 1993. Em português, *Espéctros de Marx: O estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

² *Marx & Sons*. Paris: PUF et Galilée, 2002. O segundo volume da trilogia sobre o filósofo de Trier foi *Marx en jeu*. Paris: Descartes et Cie., 1997. O colóquio "Mondialisation: quelle est la pertinence d'un retour à Marx?" foi realizado nos dias 27 e 28 de fevereiro de 2003.

entre os que se limitam a nos lembrar que o atestado de óbito do marxismo foi reconhecido pelos seus próprios epígonos e aqueles que insistem em ressuscitá-lo *ex nunc* dentre os mortos.³ Segundo Howard, o colapso do comunismo em 1989 não poderia simplesmente significar uma vitória do capitalismo, à luz de uma revisão crítica do que foi propriamente revolucionário na emergência dos dois modelos republicanos de democracia na França e nos EUA, a saber, a própria democracia radical – que Marx e os marxistas, ironicamente, deixaram em segundo plano. Afinal, foi sobretudo a partir de autores neomarxistas no século XX que a crítica ao totalitarismo redescobriu a democracia radical. O livro de Howard já foi saudado como “uma nova filosofia perspicaz para a esquerda política” e como uma “nova teoria da democracia para reabilitar o marxismo” nesta nova era tão marcada pela insegurança e pela inabalável hegemonia da *pax americana*, sobretudo depois do 11 de setembro de 2001 e mais ainda depois da desastrosa guerra americana no Iraque. O Professor Howard, nascido em 1943, é mais conhecido como um autor da “nova esquerda” dos anos 70 (Claude Lefort e Cornelius Castoriadis estão entre os seus *maîtres à penser*), tradutor para o inglês de várias obras de Rosa Luxemburg e que procurou incansavelmente uma “terceira via”, paralela aos esforços de Jürgen Habermas e do grupo vinculado à revista iugoslava *Praxis International*. Howard é autor de uma dezena de volumes, dentre os quais *The Marxist Legacy, Political Judgments, Defining the Politics, From Marx to Kant, Pour une critique du jugement politique* e *La naissance de la pensée politique américaine*. O livro é dividido em três seções desiguais, sendo que a primeira (e a maior delas) trata da recepção européia das várias versões do marxismo (em particular, a Escola de Frankfurt, Lefort e Castoriadis na França, e o trabalho mais recente de Habermas). A segunda seção trata das trajetórias do republicanismo na França e nos Estados Unidos, com um interessante capítulo sobre o fenômeno do fundamentalismo nos EUA. A última seção (a menor delas) trata especificamente do desafio de “retornar a Marx”, onde se trava uma interessante batalha em torno da questão derridiana da constante “intempestividade” de Karl Marx, enquanto crítico de nossa cultura política que permanece sempre atual, *malgré lui*.

O livro inicia com a questão de por que e como reivindicar Marx hoje, depois do colapso do socialismo histórico, do advento de uma certa condição pós-moderna e da consolidação da globalização capitalista. A aposta de Dick Howard é que a obra de Marx teria cumprido profeticamente a maior parte das suas promessas de radicalização política se tivesse evocado o espectro da democracia ao invés do espectro do comunismo que supostamente rondava a Europa em 1847 (conforme as famosas palavras que abrem o *Manifesto do Partido Comunista*, de 1848).

³ No Brasil, a mais completa e profunda análise filosófica do legado marxista foi empreendida pelo Professor José Arthur Giannotti, *Origens da dialética do trabalho*. Porto Alegre: L&PM, 1966; *Trabalho e reflexão*. São Paulo: Brasiliense, 1983; *Marx: vida e obra*. Porto Alegre: L&PM, 2000; *Certa herança marxista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

O clima de instabilidade econômica e de insegurança política depois dos atentados do 11 de setembro, cada vez mais acentuado pela unilateral política externa da administração Bush e sua cruzada contra o terrorismo internacional, tem motivado reflexões como esta que visam resgatar uma normatividade em nível mundial no processo de democratização, estendido a países que ainda buscariam no marxismo uma alternativa ao capitalismo eurocêntrico e ao imperialismo americano. Lembramos, *en passant*, que o próprio Iraque e o Afeganistão, bem como os países que integram o chamado “Eixo do Mal”, buscaram direta ou indiretamente no socialismo marxista uma mera via de sobrevivência em meio ao fogo cruzado da Guerra Fria da segunda metade do século XX. A terceira via dos não-alinhados (com relação a Washington e Moscou) naufragou no fiasco do subdesenvolvimento mórbido de vários países latino-americanos, asiáticos e africanos, não apenas como órfãos da utopia socialista terceiromundista, mas também como párias do neocolonialismo americano.⁴ A defesa da liberdade nos regimes militares, supostamente protegidos pela democracia americana e sua ideologia de segurança nacional, custou na verdade a perda total de igualdades de oportunidades e direitos fundamentais para grandes segmentos das populações mais miseráveis do Hemisfério Sul, enquanto eram denunciadas as atrocidades dos regimes totalitários das Cortinas de Ferro e de Bambu. Com efeito, assim como a defesa do capitalismo ocidental tem sido uma aliada incondicional das liberdades individuais dos sistemas democráticos liberais, não haveria mesmo como defender um modelo socialista ou qualquer modelo de inspiração marxiana sem reivindicar os valores democráticos inerentes aos ideais do igualitarismo social. Por isso, Howard viu acertadamente que o desafio da democracia, numa perspectiva marxiana, é tão incisivo e decisivo quanto a sua apologia liberal-constitucional, como a encontramos explicitamente, por exemplo, em Rawls e Habermas.

Outrossim, entendemos melhor o que sempre foi um desafio para os intelectuais norte-americanos: por um lado, agradar os marxistas que ainda crêem em alguma possibilidade (por mais pacífica e silenciosa, desde que efetive uma revolução) de profunda transformação social do *status quo*, e por outro lado, mostrar aos antiliberais (no sentido americano, em que tanto Marx como Rawls são tomados como arqui-inimigos de autores e políticos republicanos) que a democracia é ainda mais defensável num modelo social de esquerda. Como bem observou o Professor Martin Jay, radicalismo e responsabilidade não são necessariamente termos excludentes ou antitéticos para a crítica política do século XXI. O livro do Professor Howard nos lembra, ademais, que a filosofia política, embora diferente da ciência política e da política *tout court* em intento e escopo, assim como estas não se faz no vácuo, como se uma teoria política pudesse efetivamente pensar o todo político em sua complexidade, empiricidade e contingentes efetivações.

A Parte II examina duzentos anos da vida política democrática, comparando a experiência americana com a francesa. A Parte III oferece uma reformulação da

⁴ Estou aludindo aqui à fórmula lapidar do Professor Ernildo Stein, *Órfãos de utopia: melancolia da esquerda*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996.

contribuição marxiana para a política democrática. Howard conclui que Marx tentou fazer filosofia por outros meios (“philosophy by other means”) e que, paradoxalmente, teria sido por esta razão incapaz de perceber as implicações políticas mais radicais de suas próprias análises. A própria idéia de revolução terminaria por trair tal radicalidade como atestou a queda do comunismo europeu em 1989, assim como as profundas transformações por que passaram as divisões sociais do trabalho (já antecipadas pela crítica de Hannah Arendt à oposição tradicional entre trabalho manual e mental, *Arbeit e Werk*), levando em conta novas formas e relações de produção, e não apenas novos modos de produção – por exemplo, na medida em que o desemprego hoje pode atingir setores inteiros e não apenas empregados (notavelmente trabalhadores em multinacionais). Segundo Howard, observamos também que novas formas de solidariedade emergem, assim como novas formas de desigualdade e de exclusão social, e um novo tipo de individualização, decorrente de processos cada vez mais complexos de socialização.

O livro de Howard nos remete, em última análise, à revisão da concepção marxiana de trabalho e, mais especificamente, “trabalho alienado”, sem dúvida, um dos mais importantes pressupostos teóricos de sua filosofia da práxis revolucionária. “O trabalho alienado” (*Die entfremdete Arbeit*) ocupa, com efeito, não apenas um lugar de destaque nos seus *Manuscritos político-econômicos de 1844*,⁵ mas desempenha ainda um papel decisivo no desenvolvimento de sua crítica do capitalismo em seus escritos da maturidade. “Trabalho alienado” aparece já no “Primeiro Manuscrito” e introduz a importante concepção do ser humano enquanto “ser genérico” (*Gattungswesen*), que seria também elaborada no “Terceiro Manuscrito,” particularmente no ensaio sobre “Propriedade Privada e Comunismo” (*Privateigentum und Kommunismus*). A antropologia filosófica do jovem Marx, sua superação crítica do idealismo hegeliano e do materialismo feuerbachiano e sua evolução em direção a uma concepção materialista da história formam juntas o pano de fundo dos *Manuscritos* parisienses, na medida em que preparam o terreno da maturação do marxismo como um todo. A fim de evitarmos divagações especulativas quanto à importância dos escritos “humanistas” do jovem Marx para o posterior desenvolvimento do marxismo – supostamente científico ou não –, já encontramos aqui o paradoxo antipolítico que, segundo Howard, terminaria por solapar a própria pretensão revolucionária do materialismo histórico enquanto crítica imanente à antropologia filosófica e à dialética hegeliana. Afinal, a problemática fundamental da crítica à economia política nos escritos de maturidade – notavelmente, a contraposição entre as forças produtivas e as relações de produção – reflete problemas específicos de uma certa herança marxiana, pré-marxista, que nos remete, em última análise, à recepção do idealismo alemão, de Kant a Hegel. Assim como Vladimir Lênin já observara que os três pilares do marxismo residiam nos três grandes legados da Grã-Bretanha, França e Alemanha – respectivamente, na economia política, no socialismo e no idealismo –, a articulação

⁵ Em português: FERNANDES, Florestan (org.). *Marx-Engels: História*. São Paulo: Ática, 1984.

entre a teoria e a práxis marxianas pressupõe, nos escritos do jovem Marx, uma paradoxal concepção materialista de natureza humana, como nos atestam várias de suas correspondências e sua tese doutoral sobre a “Diferença entre as filosofias da natureza de Demócrito e Epicuro”. De resto, observamos que a grande falácia da ruptura estruturalista defendida por Louis Althusser – de contrapor a ideologia humanista do “jovem Marx” ao socialismo científico do “Marx maduro” – consiste precisamente em ignorar tais pressupostos antropológico-filosóficos não apenas em textos como a *Ideologia Alemã* mas ainda na transição dos *Gründrisse* aos volumes inacabados do *Capital*. O fantasma antropológico da filosofia liberal e seu potencial de democracia radical foi justamente o que Marx e os marxistas não entenderam por que, como bem mostrou Howard, tal projeto de desmistificação seria fatalmente hipostasiado no fetichismo de mercado por ele denunciado, através de um funcionalismo determinista que substitui a idéia de uma humanidade verdadeira pelo materialismo da efetividade histórica de seu contingente devir.